

■ A pobreza e a dimensão ética da militância

.....Ricardo Luiz Sapia de Campos

*Se o Bicho da seda tecesse para ligar as duas pontas,
continuando a ser uma lagarta, seria o assalariado perfeito.*

Karl Marx

*Nada pode saciar os palpites humanos, pois a natureza nos deu a
faculdade de tudo desejar, mas não nos deixa senão provar poucas
coisas, disto resultando um descontentamento permanente, e um
desgosto pelo que possuímos, o que nos faz culpar o presente,
louvar o passado e desejar o futuro, ainda que sem razão.*

Maquiavel

O papa e o Presidente

No final da tarde o presidente Uruguaió Pepe Mujica, sai da mansão presidencial de *Suárez y Reyes* e em seu fusca azul vai em direção a sua casa com teto de zinco verde que fica numa chácara nos arredores de Montevideú. Vive com seus amigos, animais e plantas. Apesar de não comparecer a posse do papa Francisco sob alegação de ser ateu, têm com o sumo pontífice alguma cumplicidade. O Papa que dizem ser rotaryano, maçom (pasmel!), todos querem em seu time. A ambos se atribui um estilo de vida simples, “franciscana” em referencia a São Francisco de Assis.

Que pese a figuração da imagem, tanto de um quanto do outro como resultado deste “modo de vida”, a opção pelos pobres ou pela pobreza, o que de fato interessa é a alegria, a potencia da ação compartilhada. No caso do Papa em particular existe um elemento de rebeldia intrínseca contra a “doutrina da fé” com suas idolatrias transcendentais que prega uma paz vazia (sem justiça social) e uma “igualdade desigual” e hipócrita. (em que os outros são menos iguais) Neste sentido, ou no sentido da encíclica *Centesimus Annus* com suas expressões máximas nos últimos dois papas que o antecederam, é um papa contra o papado. Um papa que busca convívio e comunhão na pobreza, antes mesmo de se colocar como sumo representante de deus na mediação com os pobres da terra. Mesmo

prestando-se a várias leituras numa das homilias proferidas na Capela de Santa Marta o Papa aponta que o isolamento da comunidade leva ao isolamento do Ser. O egoísmo é fruto deste isolamento que segundo o pontífice leva a traição como no caso de Judas que se negou a si próprio pela idolatria ao dinheiro. Mujica que foi guerrilheiro do movimento *Tupac amaru* enfrenta o protocolo negando a generalização abstrata da instituição e do cargo que ocupa. Aparentemente, como Mujica, o papa vive não como refém, mas reivindicando a alegria de uma vida alternativa ao papado, construída nestes pequenos atos.

O que existe de comum entre o papa e o presidente? Lembrando que são casos diferentes e que podem (e acredito que deve) ter desfechos diferentes? Ambos são expressão de uma nova potencia de vida e de um desejo de viver. O que há de perigoso tanto num quanto noutro caso? (ainda que com o Papa isso seja mais suspeito) A generalização e a abstração da condição de pobreza reivindicada como mero discurso pode levar ao condicionamento e a renúncia. Considerando ainda que a igreja não representa, ou pelo menos não é a única representante dos pobres na terra, e, o papa não é um rei. A postura pública, ao que parece condizente com a vida que levava Mario Bergoglio antes de ser ordenado papa indica coerência no sentido de demonstrar que a igreja deve se nutrir desta potencia que reivindica a condição de pobreza.

Mas a pobreza franciscana (do Francisco de Assis) como ato constituinte e potencia produtiva não se alimenta de discursos vazios. Quando a Igreja fala em nome dos pobres, da caridade e da paz, ela não representa os pobres e nem seus anseios, seus desejos, etc., ela representa a idealização da condição de pobreza. Falta vida, falta potencia, sobra idealização constituída. Daí sobra moralismos como “o pobre é”, ou “o pobre faz”, como se a condição de pobreza pudesse ser pesquisada e entendida sem ser vivida. Conforme aponta Negri (2013):

O novo papa, ao assumir um discurso generalista e abstrato pelos pobres, que coloca a caridade -- e a carência -- no lugar da catalisação do desejo de viver, emprega um meio, poderoso, de adestrar e fazer novamente dóceis quem se levantou depois de séculos de submissão. A estética da resignação e da renúncia se afirma sobre a vida. (NEGRI, 2013)

O “Ser” (ontológico) vive a sua alegria na tentação (o desejo deleuziano) reivindicando a convivência, a construção do comum. “Talvez as tentações não passem dos modos que essa substância que é o desejo tem de tudo fazer, tudo amar, e não ter nenhum limite” (NEGRI, 2006, p. 192). Afinal de contas a afirmação das tentações que pregam que a felicidade ou o prazer estão fora (ao lado) da-

quilo que fazemos e sentimos tem origem numa “moral provisória”. Transcender, abdicando da própria condição presente significa “abrir mão” da ação formadora do Ser. Veja a contradição: Viver, e, portanto, agir, se propondo construir “outro mundo” negando a própria ação criadora desta “outra realidade” pelo fato de não viver (conviver) nesta realidade. Como no dito popular: “Faça o quem eu digo e não o que eu faço” O que anima esta militância separada da pobreza é a transcendência que tem como resultado a construção moral. A ação é neutralizada em detrimento da paixão contemplativa. Não há paixão nem potencia no ideal.

Pobreza e alegria do ser: “O banheiro do papa”

Figuras como a do presidente uruguaio e do papa apontam um desejo latente de transformação, de pobreza. Ainda que as instituições que representam neutralizem ou se oponham a potencia constituinte. A transformação que evidencia a potencia produtiva expressa nas figuras do papa e do presidente pode ser vista no belíssimo filme de 2007 “O banheiro do Papa”, e que ganhou várias premiações incluindo a de melhor filme na Mostra Internacional de cinema de São Paulo. Nesta co-produção dirigida por César Charlone e Enrique Fernandez as dificuldades, sonhos e diferenças dos habitantes da pequena cidade de Melo no Uruguai são vividos intensamente, confundindo os sentimentos dos espectadores a ponto de se vertendo lágrimas serem ao mesmo tempo de alegria e tristeza

Acreditando que a visita do papa de plantão em 1988 traria alento e projeção ao lugarejo esquecido na fronteira com o Brasil, investem preparando comida (e banheiro) para ocasião que traria a visita de brasileiros que viriam para ver o discurso do pontífice. O furor coletivo, o sonho compartilhado, e a construção comum de alternativas nada têm de religioso ou transcendental sendo que a negação á transcendência acontece exatamente quando os habitantes de Melo vivem a alegria na autenticidade de suas pobreza. Negam o discurso vazio do papa não com outro discurso vazio, mas com a ação comum, com suas vidas experimentadas como sonho, alternativa, construção. De forma quixotesca, vertendo uma lágrima e arrancando um sorriso o otimismo que contagia o expectador é o mesmo otimismo dos habitantes do lugarejo. Como se ao final do filme, juntos, voltassem a viver toda aquela alegria novamente. Uma vontade explosiva de continuar e sempre recomeçar. O que impulsiona não é a necessidade material, mas as suas próprias sobrevivências enquanto tal, a vontade do “construir juntos”. É aqui que a vida se amplia.

O diálogo entre as vizinhas:

Teresa: Vizinha, você me empresta uma xícara de açúcar.

Carmen: – É claro.

Tereza: Estou fazendo arroz doce e fiquei sem. (...). Eu vou vender sanduíches no dia do Papa (enquanto isso arruma a torneira).

Carmen: Vai usar o Papa para fazer negócio?

Teresa: – Não, não é negócio. Vou trabalhar e aproveitar esse dia, como todos. Valvulina vai montar uma barraca de linguiça.

Carmen: Acredito que virá bastante gente, sim. Mas me parece que Deus castiga essas coisas.

Teresa: Castigo? Castigo são os políticos que temos agora. O que precisamos é de um milagre.

Silvia retorna com o açúcar e pergunta a Tereza: E você, sabe consertar torneiras, Tereza?

Teresa: Não, minha filha, mas aprendo. (E a torneira começa a verter água).

Valvulina penhora a casa para comprar salame, Beto perde a bicicleta seu principal instrumento de trabalho, Silvia fica sem dinheiro para pagar as contas e não consegue comprar o rádio para a filha que sonha ser locutora. Mas ouvimos o discurso do papa: “Por isso desejo enfatizar o reconhecimento e homenagem que se deve à mulher uruguaia. Que deus abençoe todo poderoso. Pai, filho e espírito santo, desça sobre vós e permaneça para sempre. Amém”. A ação dos personagens em contra posição ao discurso vazio do sumo pontífice é espetacular. Entre as pessoas que se movimentam com suas paixões vivendo sempre no limite de suas próprias existências não existe lugar para o “pecado original”. Ou seja, o “ser” é concebido pela ação com relação aos outros, e não pelas suas crenças, pregações, filiações, etc. A televisão como meio de comunicação não cria o fato (o sonho coletivo) como pode parecer à primeira vista, ela potencializa o sonho da multidão. O meio de comunicação distorce a informação e molda segundo seus interesses, mas não é criativo, tudo está potencializado no resultado da vida comum dos habitantes que passam por uma série de dificuldades e juntos constroem alternativas no cotidiano.

Valor e emancipação

Este “tipo humano” identificado com a guinada “anti-papal” do papa Francisco ou mesmo com o modo de vida alternativa (anti presidente) do presi-

dente Uruguaio, e essencialmente “franciscana” de ambos, não é o agente racional que na busca pelo lucro e o acúmulo se esquece de viver, conforme havia postulado a economia clássica. Estamos, portanto, diante da produção de um “valor de tipo novo”, (GORZ, 2005) uma nova riqueza, outras formas de vida; mas, não se trata de um novo agente pós-biológico ou pós-humano, conforme apontam os teóricos da vida ou inteligência artificial à exemplo de Marvin Minsky (2006), mas dum “humano demasiadamente humano” que com suas paixões e na “pulsão do desejo” construiu este modo de vida, “antecipou-se a si mesmo”.

Qualquer projeto para “melhorar a espécie humana” fracassa uma vez que apenas se melhora, ou ser muda junto com a transformação duma outra realidade, só é que temos uma “outra” (nova) consciência sobre nós mesmo. A pergunta que justamente surge é aquela que remete a conclusão do livro Império de Hardt e Negri (2003) sobre o papel da militância:

Agora o militante não pode sequer fingir ser um representante, mesmo das necessidades humanas fundamentais dos explorados. A militância política revolucionária hoje, ao contrário, precisa redescobrir o que sempre foi sua forma própria: atividade não representativa, mas constituinte. A militância atual é uma atividade positiva, construtiva, inovadora. Esta é forma pela qual nós e todos aqueles que se revoltam contra o domínio do capital nos reconhecemos como militantes. Militantes resistem criativamente ao comando imperial.” (...) Essa militância faz da resistência um contrapoder e da rebelião um projeto de amor. (p. 436-437)

Mas existe uma inquietação pulsante e irresistível pelo movimento, pela ação, por construir, etc. Uma tentação ligada à figura do militante. Quem é o militante? A definição não constrói sentido para expressar o que é (está sendo e será) a figura do militante. Existem duas contraposições interessantes propostas pelos autores A figura “mágica” de Francisco de Assis que se contrapõe ao ascetismo do militante da Terceira Internacional.

A ação (organizada) do antigo militante impregnado pela lógica de Estado, conforme pontuam os autores, se descola da vida, da imanência, pairando na reprodução transcendental e improdutiva. Portanto, a figura do antigo militante que desloca suas forças na cisão entre sua vida pessoal e a ação política é figura inócua e vazia que reproduz a moral de uma constituição. (o partido, o estado, códigos de comportamento humano etc.)

O militante está na base desta potencia produtiva que construímos no cotidiano, porém, interessantemente fundada em novos valores. A própria organização da produção aparece como produção de vida, de sentido, afeto, etc., donde

o controle sobre esta produção é tão impossível e improvável que remeteria ao controle não mais da vida, mas da própria condição humana. As antevisões sobre a vida e a inteligência artificial são a extrema consideração do controle humano numa perspectiva pós-humana. Claro que se estaria diante do paradoxo da criatura que se emancipa ao criador como no mito de *Frankenstein*, provavelmente inspirado na lenda bíblica da figura do *golem*. Caberia a própria condição humana, em essência, ultrapassar a si própria. Faria isso paradoxalmente pela manipulação e ao mesmo tempo automação do que produziu. Trata-se de uma consideração que da forma que é colocada pode parecer simplista e ao mesmo tempo inspiradora.

Ocorre que o militante que se antecipa ou então “se constitui” na figura do papa ou presidente remete a consideração desta potencia de valor de tipo novo. Apesar de existir desde sempre, dos movimentos milenaristas observados por Eric Hobsbawm (2012) até os revolucionários e anarquistas espanhóis passando por todas as lutas operárias dos dois últimos séculos, atualmente se constitui em valor. Conforme aponta Gorz (2005):

O “capitalismo cognitivo” é um capitalismo que sobrevive á debilidade de suas categorias fundamentais. Essas categorias fundamentais, trabalho, valor e capital, manifestam-se somente através da troca de mercadorias e possuem uma substância comum: a quantidade de trabalho abstrato, em forma de mercadoria, mensurável em unidades de tempo. A quantidade de trabalho médio cristalizada em mercadorias determina no final a relação de equivalência – o valor (de troca) – das mercadorias. Agora, porém, a força produtiva decisiva, não pode mais reduzir o saber a um denominador uniforme, medidos em unidade de valor e de tempo. O saber não é uma mercadoria qualquer, seu valor (monetário) é indeterminável; ele pode, uma vez que é digitalizável, se multiplicar indefinidamente e sem custos, sua propagação eleva sua fecundidade, sua privatização a reduz e contradiz sua essência. Uma autêntica economia do saber seria uma economia comunitária, na qual as categorias fundamentais da economia política perderiam seu valor e a força produtiva mais importante estaria disponível a uma tarifa zero.

Da mesma maneira que são valorizadas formas de vida alternativas como o caso do presidente uruguaio, ou então no retorno aos princípios do cristianismo, particularmente aqueles ligados a condição ontológica de pobreza, como no caso do papa de plantão, depara-se com a reivindicação de um valor de tipo novo, que desnuda a vida ligada à sociedade de mercado como sem sentido.

A nova militância, portanto, se redescobre em auto-valorização. Na conduta cotidiana das suas ações que são em essência a negação da “ética da convic-

ção”. A figura apaixonante da militância está colada a figura do pobre como singularidade da multidão. Não há mais cisão entre o militante e a “pessoa comum”, ou o “povo” da mesma maneira que o militante não se apresenta como fissura entre vida pessoal e política. Os personagens do filme o banheiro do papa se antecipam também nesta condição de agentes de produção biopolítica. Suas ações são potencia constituintes, portanto, não são orientadas por nenhuma cartilha ou código. Também por isso são legiões de figuras inglórias. Não são mártires, são homens. Os sujeitos não se emancipam de si mesmo, mas, como anjos e demônios se reconstroem na dinâmica da vida comum.

“Estando em Melo”, se pode conhecer gente que anda na contracorrente das “organizações heterônomas” como chamava André Gorz, (2005). Não são casos “extra-humanos” como exemplos “fantásticos” de milionários que abandonaram tudo por uma “vida simples”. A militância de nova ordem se conecta com a vida, o cotidiano e as mínimas ações em estado permanente de rebeldia contra o poder e a dominação. Mesmo que o poder se alimente desta potencia, propagando super-heróis fantásticos desconectados do fluxo da vida, a negação não vem como antítese, mas como negação da instituição, do poder.

“Fim”

O chamado capitalismo cognitivo se alimenta de “formas de vida”. (VERCELLONE, 2011; PAULRÈ, 2011). Nada escapa a sanha da valorização do capital, ainda que a resistência esteja exatamente neste ponto da impossibilidade de capturar este valor dotado de afeto que é a produção do comum. Paradoxalmente ao mesmo tempo em que o capitalismo explora todos os detalhes da vida, ele não consegue capturar a potencia produtiva e inventiva do afeto, da vida na criatividade do comum. Assim, as “formas de vida” nunca se reduzem “á formas”. Os instrumentos de produção com os quais produzimos “a nossa” riqueza não podem ser capturados ou expropriados. Resistir e construir alternativas são ações cotidianas que não separam o homem social do político. A convicção desta separação nunca foi produtiva. Um agente da extinta KGB ou mesmo da SS alemã era capaz de torturar e exterminar covardemente e no final da tarde chorava vendo o arranhão no dedo duma criança. As disputas pelo poder, a própria mortificação dos sentidos no interior do partido comunista, ou de qualquer outro, levavam às ações mais nefastas realizadas em nome de um “mundo melhor”. A pobreza é afeto e o militante se adianta em potencia como ação constituinte, mas mesmo assim a sua condição (humana) não é superada.

Referências

- CAMPOS, R. L. S. Eric Hobsbawm (1917-2012) – Um intelectual para além de si mesmo. *REDD – Revista Espaço Diálogo e Desconexão*, Dossiê: Agricultura e Ruralidade, v. 5, n. 1, 2012.
- GORZ, A. *O Imaterial: conhecimento valor e capital*. São Paulo, Annablume, 2005.
- HARDT, M. NEGRI, A. *Império*. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- HARDT, M. NEGRI, A. *Multidão: Guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- NEGRI, A. *De Volta: entrevista com Anne Dufourmantelle*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- NEGRI, T. *As duas renúncias do papa alemão*. Outras Palavras: comunicação compartilhada e Pós-capitalismo – Em mudanças. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2013/02/17/toni-negri-as-duas-renuncias-do-papa-alemao/>
- MINSKY, M. *The Emotion Machine: Commonsense Thinking, Artificial Intelligence, and the Future of the Human Mind*, Simon & Schuster, 2006.
- PAULRÉ, B. *Capitalismo Cognitivo e financeirização dos sistemas econômicos*; FUMAGALLI, A. e MEZZADRA, S. (org.), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.
- SANTOS, E. S. *O banheiro do Papa: o dia em que deus se esqueceu de Melo*. *Baleia na Rede*, revista on-line de cinema e literatura, v. 1, n. 6, Ano VI, dez./2009.
- VERCELLONE, C. *A crise da lei do valor e o tornar-se rentista do lucro*; FUMAGALLI, A. e MEZZADRA, S. (org.), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

■..... **Ricardo Luiz Sapia de Campos** é Sociólogo, pesquisador FAPESP e professor do programa de Pós Graduação em Sociologia da UNESP/FCL/Ar.